

JORGE AMADO, *OS VELHOS MARINHEIROS* E A CULTURA BAIANA: O LANÇAMENTO DO LIVRO, HOMENAGENS E PREMIAÇÕES¹

Alessandra Senra Freitas, Érica Farini Figueiredo e José Raimundo Fernandes Sousa²

1. INTRODUÇÃO

O presente relato resulta de uma amostra das atividades desenvolvidas no primeiro semestre de 2003, em Teoria da Literatura III, no turno matutino, e compreende tarefas variadas, não apenas ligadas às discussões teóricas da recepção crítica, mas acrescidas da orientação para coleta de documentos de fonte primária, destacando os periódicos (jornais e revistas), e, ainda, leitura de normas de construção textual, oriundas da Associação Brasileira de Normas Técnicas – ABNT. Tais estudos conduziram à entrega de uma monografia final.

2. METODOLOGIA

Foram aplicadas técnicas de leitura e análise de textos, em classe, que preparavam as âncoras teóricas: resumo analítico, fichamento e discussão de artigos e ensaios de autores de Teoria da Literatura, como Roberto Reis (“Cânon”); Walter Mignolo (“La razón postcolonial”); Ivia Alves (“As mudanças de posição da crítica em torno dos romances amadianos”); de Antropologia, como Roberto DaMatta (*O que faz o brasil, Brasil?, Carnavais, malandros e Heróis*); Everardo Rocha (*O que é etnocentrismo*); Metodologia e crítica literárias, como Regina Zilberman (*Estética da recepção e história da literatura*); Benedito Veiga (*A chegada de Dona Flor*) e outros – englobando textos das disciplinas que são pré-requisitos para Teoria da Literatura III (Teoria da Literatura I e II); leitura, coleta e indexação dos periódicos, consultados na Biblioteca Central do Estado da Bahia, nos Barris, dentro da opção metodológica assumida durante a orientação dos estudantes/pesquisadores.

3. RESULTADOS

Após o exame da documentação recolhida, chegamos aos seguintes encaminhamentos:

A década de 60, do século XX, foi super-movimentada, num tempo que prometeu mudanças: na tecnologia, na moda, nos comportamentos, na economia, na ciência e na situação política internacional e nacional, como: minissaia, guerrilhas – inclusive urbana –, *rock*, liberdade sexual, viagens à lua, televisão, estudantes enfrentando a polícia nas ruas, computadores, cabelos compridos, feminismo, revoluções políticas e de costumes. O mundo inteiro parecia querer mudar: recomeçar ou continuar com as quebras de padrões, de fronteiras, de limites.

No ano de 1961, o Brasil passava por fatos historicamente inesquecíveis, principalmente no que tange à política. O País vivia um período de conturbações, iniciado em janeiro daquele ano, quando Jânio Quadros assume a Presidência da República, anteriormente exercida por Juscelino Kubitschek, que se havia responsabilizado por atos controvertidos, como a mudança da Capital Federal do Rio de Janeiro para Brasília. Apesar de tantas críticas e pressões, inclusive, feitas pelo Congresso, tal fato se

¹ Atividades de Ensino e Pesquisa vinculadas à disciplina Teoria da Literatura III, sob a orientação do Professor Dr. Benedito José de Araújo Veiga.

² Acadêmicos do Curso de Letras da Universidade Católica do Salvador – UCSal.

efetiva com a inauguração da nova capital, Brasília, em 21 de abril de 1960. Jânio Quadros surpreende: malgrado suas ameaças de limpeza, expurgando arbítrios e ilegalidades – o famoso combate com o emprego das “vassouras”, aliás, o símbolo de sua campanha –, renuncia, em seguida a alguns meses de exercício, à Presidência, acelerando o acirrar de ímpetos e ambições dos setores militares, ávidos pela tomada do poder, que se concretizaria em março de 1964 e deixaria suas marcas ditatoriais de opressão e cerceamento da liberdade por mais de vinte anos.

Dentro desse panorama, Jorge Amado – já era um escritor consagrado, desde seu primeiro romance *O País do Carnaval*, em 1931; vencedor do Prêmio Internacional Stalin, concedido pela U.R.S.S., em 1951; o mais bem sucedido em vendas dos autores nacionais – abandona suas tendências anteriores de “escritor comprometido com as mudanças sociais”, dentro da linha do realismo socialista do Partido Comunista, e parte para nova perspectiva de integração dos diversos setores da sociedade brasileira, com o lançamento de *Gabriela, Cravo e Canela*, em 1958, livro merecedor dos maiores prêmios nacionais e, até hoje, sua narrativa mais lida e apreciada.

Em 1961, Jorge Amado retorna com outra obra surpreendente: *Os Velhos Marinheiros*, mais tarde desdobrado em *A Morte e a Morte de Quincas Berro D'Água* e em *O Capitão de Longo Curso*, duas narrativas que destroçam as concepções clássicas de herói pelo caráter picaresco de sua concepção e na apresentação de personagens centrais com mais de 50 anos de idade – dispostos a aniquilar os ideais pequeno-burgueses de comportamento e valores.

Jorge Amado é tomado em nossa comunicação centrado em 1961, ano-chave para novo assentamento em sua carreira de escritor, em sua estrutura ficcional e em sua vida.

Inicialmente, Jorge Amado completaria trinta anos de sua estréia – conforme reconhecem seus biógrafos mais rigorosos – e o *Diário de Notícias* de 11 de maio de 1961 registra o fato de Odorico Tavares comentar as agruras do ficcionista, que sacode o marasmo cultural do País e é criticado pelos ditos puristas da época, mesmo sem deixar de “[...] tornar-se um clássico da Literatura Brasileira”. E continua o articulista afirmando que Jorge Amado chega a essa efeméride de vida literária, sendo *best seller* permanente em sua pátria, “[...] Jorge Amado com quarenta e sete anos, autor de dezessete livros, traduzido em quase todo o mundo, *best seller* pátrio, amigo de todos, colocado acima das contingências, uma glória do povo. [...]”.

Como escritor lido e discutido, Jorge Amado nunca deixou de ser combatido, por vezes não foi compreendido, chegando a sofrer restrições à sua temática (ligada aos excluídos: o negro, as prostitutas, os marginais) e à sua linguagem (considerada chula, despropositada e pornográfica) – tudo considerado como critério para afastar, pela censura, um autor que desagradava às políticas não democráticas das várias ditaduras impostas ao País: a de Getúlio Vargas e a do golpe militar de 1964. Contudo, soube colocar de lado essas incompreensões e se dedicar livro por livro, até atingir o elo definitivo entre ele e sua gente, com a obra *Gabriela, Cravo e Canela*, como insiste Odorico Tavares, em sua coluna já citada:

[...] Muitas vezes, incompreendido, restrições de toda ordem disso perturbou a sua carreira. Com o tempo, mostrou que tais incompreensões e tais restrições teriam de ser postas de lado: livro por livro, romance pôr romance, foi se realizando, até chegar a esta obra prima que é ‘Gabriela Cravo e Canela’, definitivo elo entre ele e sua gente.[...] (Tavares, 1961a).

Em seguida, Jorge Amado, na trilha das mudanças efetivadas desde *Gabriela*, reafirma, em 1961, as alterações na concepção estrutural de seus romances, não mais seguindo, por exemplo, as teses propostas em *Jubiabá* (em 1935) e em *Capitães da Areia* (em 1937), desde o início das reformas democráticas acontecerem mediante o engajamento político.

Em *Os Velhos Marinheiros*, como escreve Walter da Silveira, na coluna “Artes e Letras”, publicada no *Diário de Notícias*, de 13-14 de agosto de 1961:

[...] Ou muito me engano ou a nossa literatura de ficção chegou a um dos seus pontos mais altos com o livro *Os Velhos Marinheiros* de Jorge Amado, publicado recentemente pela Editora Martins. Depois deste livro a literatura de ficção do Brasil creio que pode medir-se do ponto de vista de sua originalidade e força com a dos mais gloriosos e cultos países do mundo.

Mesmo considerando o grau de relacionamento muito próximo entre o escritor e o crítico, a nova narrativa amadiana é equiparada a *Casa Grande e Senzala*, de Gilberto Freyre, pelo seu valor na análise sociológica brasileira, ambas as obras tidas “[...] como os maiores títulos da independência cultural do Brasil, da sua libertação intelectual completa” (SILVEIRA, 1961).

Por fim, Jorge Amado realiza uma velha aspiração sua e retorna a residir em Salvador – precisamente com marcas fincadas em 1961 –, quando adquire uma morada, aquela que seria, logo mais, a famosa “Casa do Rio Vermelho”, título de um dos livros de Zélia Gattai, contando suas vivências afetivas e familiares na Bahia. A respeito desse assunto, Odorico Tavares, mais uma vez, em sua coluna do *Diário de Notícias*, em 24 de outubro de 1961, documenta:

[...] Disse-me ele [Jorge Amado] que não pode mais compreender aqui chegar, como cigano, e hospedar-se em hotéis: sempre desejando reunir seus amigos, à sua mesa e no seu terraço, como convém a um baiano de sua estirpe. Eis que num dos altos do Rio Vermelho, encontrara a casa sonhada e daí passou para as negociações e para a escritura.

A importância desses dados futuramente irá demonstrar os cuidados do autor com as gentes e as coisas de sua terra, mormente na parte de sua ficção voltada para a Cidade do Salvador da Baía de Todos os Santos, carinhosamente chamada por ele de “Cidade da Bahia”. A partir de então, foi apenas mãos à obra, como antecipava Odorico Tavares, em suas anotações: “[...] Agora é trazer Zélia e os filhos, tratar de mobiliar, de dar sua vivência, arranchar e tornar realidade o velho sonho” (Tavares, 1961b).

Quanto ao desdobramento de nossa abordagem temática, nos preocupamos, de saída, com as relações de Jorge Amado com a chamada cultura baiana, com as interfaces desse seu relacionamento amoroso com sua terra.

A propósito, a coluna “Nossa Opinião”, do *Diário de Notícias* de 12 de maio de 1961, discute o muito que Jorge Amado, com sua obra, tem feito para projetar a Bahia, tanto nacional quanto internacionalmente, e, sobretudo, chamando a atenção para o “[...] tributo que o povo deve prestar aos homens de letras, aos homens da cultura que delas não se servem para obtenção de vantagens e posições [...]”. Tais observações direcionam as reverências que se deveriam prestar ao autor, no momento de seus trinta anos de ofício, sendo, portanto,

[...] natural que a Bahia, que tem sido a inspiração do poeta da prosa e o cenário majestoso de toda sua obra, publicamente o consagre na admiração de suas mais representativas instituições, de seu Governo e de seu povo, orgulhosa de seu romancista. É sobretudo lisonjeiro que o Governo do Estado, a câmara da Cidade do Salvador, a Universidade, as classes sociais e o povo se reunam nessa festa de jubileu para homenagear o escritor e o romance que escolheu, as letras para exaltar e cantar a sua terra [...] (NOSSA OPINIÃO..., 1961).

Ajunte-se a repercussão do lançamento de *Os Velhos Marinheiros*, não somente em Salvador, como torna público o *Diário de Notícias*, de 29 de março: “[...] Jorge Amado marcou para o próximo dia 5 de maio o lançamento na Bahia de seu novo livro, *Os Velhos Marinheiros* [...]. O lançamento em

São Paulo será a 5 de abril e no Rio a 12 de maio. Reina nos meios literários do Rio Grande expectativa em torno deste anunciado livro do consagrado escritor baiano”. (JORGE AMADO..., 1961).

Finalizando, nossa comunicação aborda o ingresso de Jorge Amado na Academia Brasileira de Letras, igualmente ocorrido em 1961, como informa o *Diário de Notícias*, de 7 de abril, na coluna “Rosa dos Ventos”: “A Academia Brasileira de Letras tem um novo imortal na pessoa do escritor Jorge Amado. O autor de *Gabriela, Cravo e Canela* foi eleito para a vaga do Sr. Octavio Mangabeira”. Como prova do destaque do autor de *Os Velhos Marinheiros*, a notícia complementa: “[...]. O romancista baiano concorreu sozinho, pois todos os demais concorrentes retiraram suas candidaturas numa homenagem ao maior escritor vivo do Brasil” (TAVARES, 1961c).

4. REFERÊNCIAS

JORGE AMADO... *Diário de Notícias*, Salvador, 29 mar. 1961. Caderno 1, p. 5.

NOSSA OPINIÃO. *Diário de Notícias*, Salvador, 12 maio 1961. Caderno 1, p. 4.

SILVEIRA, Walter. Artes e letras. *Diário de Notícias*, Salvador, 13-14 ago. 1961. Caderno 3, p. 1.

TAVARES, Odorico. Rosa dos ventos. *Diário de Notícias*, Salvador, 18 jan. 1961a. Caderno 1, p. 4.

TAVARES, Odorico. Rosa dos ventos. *Diário de Notícias*, Salvador, 24 out. 1961b. Caderno 1, p. 4.

TAVARES, Odorico. Rosa dos ventos. *Diário de Notícias*, Salvador, 7 abr. 1961c. Caderno 1, p. 1.